SERTÃO, GARIMPO E GARIMPEIROS

ROMANCE

Marcos Ribeiro de Magalhães

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE pg 11

Capítulo 01 pg. 13

Capítulo 02 pg. 51

Capítulo 03 pg. 67

SEGUNDA PARTE pg 113

Capítulo 01 pg. 115

Capítulo 02 pg. 127

Capítulo 03 pg. 159

TERCEIRA PARTE pg 181

Capítulo 01 pg. 183

Capítulo 02 pg. 195

QUARTAPARTE pg, 227

QUINTA PARTE pg. 247

UM LIVRO

Compor ou escrever um livro não envolve arte, ainda assim, consta como realização que se vinculada a dois outros atos, qual o da geração de filhos e plantio de árvores, é na imaginação de muitos, realização de seres humanos.

Narro, escrevo não para me realizar, nem para auferir verbas editoriais, nem para angariar algum destaque cultural. Simplesmente escrevo. Escrevo como forma de me sentir agradado em reviver casos e causos, em repetir palavras ouvidas e que não fazem parte de dicionários, por serem expressões regionalistas. Escrevo em surtos de alegria, em emoções que não teria como repassar a algum leitor. Escrevo como se estivesse a viver duas ou mais vezes, cada ação relembrada. As lembranças, boas lembranças, pois nenhuma lembrança houve que me desagradasse, me trazem euforia, me permitem vida dupla, no presente e no passado em tempo único. Escrevo para agradar a mim mesmo e me sinto ainda mais agradado quando alguma pessoa curiosa faz alusão a qualquer de meus livros que possa ter lido, tendo ou não gostado do conteúdo. Bem provável que "Sertão, Garimpo e Garimpeiros" encerre minha vida literária. Nela procurei embutir o que vi, vivi e conheci sobre os costumes sertanejos, sobre a natureza sertaneja, sobre aquele ambiente que vai desaparecendo, substituído pela modernidade. O pequeno conjunto representado por: "A Terra de Meus Sonhos", "Nos Sertões de Goyás" e por este último apelo de saudade, a que dei o nome de "Sertão, Garimpo e Garimpeiros" tem como extraordinário apenas o registro de quem buscou um modo de vida hoje pouco concebido, pouco interessante à geração mais jovem. Permanecerá, pois, como oferta a mim mesmo, como atos que seriam repetidos à exaustão, se pudessem ser novamente praticados.

Patos de Minas, março de 2024.

SINóPSE

O sertão é o pai que agasalha tanto a fortuna quanto a miséria, tanto a solidariedade quanto a rapina. Não há, naqueles ermos uma sequência de procedimentos. Há uma quietude de comportamento que faz parelha à quietude daquelas solidões; há uma falsa ausência de vida, de movimentos, há longos períodos de silêncio absoluto, onde nem mesmo se nota algum farfalhar de vento. A natureza treme ao bafor do solo, a vista alcança no entremeio do arvoredo como que uma vibração, um tremer do ar aquecido que fustiga o rosto, que emurchece as ramas, que dita a necessidade do recolhimento de qualquer vivente. A sombra de árvores raquíticas a formarem o cerrado, alivia, mas traz também uma impressão de agonia e sofrimento, tudo enleado à vontade de nem mesmo respirar. Restingas de matas, filamentos d'água minguados tornam-se oásis de bem-aventuranças, ainda assim, a vida prepondera, são falsas as calmarias. Forças, cobiças, destemperos se agitam. Aquelas planícies e borocotós estão plenos de vida, repletos de maldade e de perigo. Perigo que ronda no dia a dia, perigo que surge vindo de centenas e centenas de léguas, carregado a lombo de tropa, tangido por imposições de maldade sem limites. E todo aquele cenário de contradições perde a calmaria, perde a tranquilidade, vê-se desapossado de uma penúria suportável, para ser tomado de ações praticadas por estranhos, por bandos em busca de rapina e confrontos. Não há, de parte de bandoleiros, condescendência, não há pena nem comiseração. Dita-lhes o proceder a boataria que foi espargida aos quatro ventos, a boataria que no mais das vezes é verídica, porquanto diz respeito à riqueza, é traduzida na existência de ouro, ouro aos montões, ouro em diminutas pepitas a serem encontradas em algibeiras maltrapilhas, em pequeninas trouxas de pano embutidas em frinchas de casas de pau a pique, nos guardados sob enxergas, escondidos sob pilões ou por entre caibros enegrecidos pela fumaça da trempe de cada cozinha. Ninguém há que consiga se furtar à sanha da cobiça e da sagacidade. O trabalho, o sacrifício, os suores de cada dia são levados, furtados, roubados sem contemplação, contemplação que muitas vezes nem mesmo respeita a vida, que tira a vida, que mata "a galinha dos ovos de ouro"! O ouro! Sempre o ouro a espelhar riqueza e pobreza, impondo alegria e morte.

PRIMEIRA PARTE

Capítulo 01

Em busca da história

Eu havia programado a saída, antes mesmo fossem notados vestígios da madrugada. Havia em mim, um ânimo, um frenesi latente, um quase desespero em botar pé na estrada ou bunda nos arreios. A mula estava preparada, alimentada, eivada de energias poupadas durante toda a semana, pois que eu a alimentara e exercitara, mantendo-a com o pelo escovado, protegida sob pequena cobertura de telha e diminuto pasto, um piquete onde pudesse consumir os excessos decorrentes da nutritiva alimentação recebida a cada dia. Estaria dentro em pouco, arreada, ainda que não ajaezada na conformidade dos costumes de muladeiros.

Durante a semana meus vizinhos chasquearam, elegendo no estrépito das piadas o inusitado de minha viagem. Havia de certa forma, alguma motivação para as pilhérias. Era praxe fossem as férias trabalhistas de cada um, desfrutadas à beira-mar, em praias, em passeios ao que diziam, paradisíacos em fontes termais e ambientes apropriados a uma elite de funcionários de alto escalão.

Vivíamos no decorrer do ano, em uma vila bem aparelhada, casas de excelente qualidade, pequeno clube devidamente equipado de piscina, quadras de vôlei e peteca, churrascaria e mais sorte de divertimentos, mas restrito entre matas e cerrados, bastante retirado da sede municipal, e todo aquele confinamento gerava uma ânsia por visitas a parentes radicados ao longe ou em busca de diferentes diversões.

Viagens de tal natureza nunca me fascinaram. A meu ver cidades são todas iguais: mais não são que amontoados de casas, prédios e pessoas. A mesma correria, o mesmo desassossego, a poluição, o berreiro de carros, ambulâncias e o perigo de atropelamentos. Cidades retratam o confinamento de indivíduos, a preocupação com o trânsito, a sensação de isolamento e solidão, mesmo nos vendo cercados por milhares de almas conformadas com uma rotina que enerva e da qual pessoa alguma consegue se safar. Pode-se, contudo, a depender, se as obrigações permitirem, observar alguma praça, algum atropelamento, a vigarice agindo em cada

esquina. De se ver também o conformismo humano, a necessidade de aglomeração, a sensação de que a malta transmite segurança e que a segurança é parte imanente do rebanho social. Ledo engano. As massas são por demais covardes. Quedam-se na contemplação do assalto, furtam-se à solidariedade ao contemplarem a ação de bandidos, tornam-se aparvalhadas, ou desinteressadas ou são acometidas de fúria sem limites, atacam, chacinam, lincham se a ação é contra um só elemento.

Minha decisão de abdicar das modernidades de cidades ou de beira-mar causava comentários, críticas por eu trocar aqueles sonhos por uma viagem, que na visão de todos, era empreendimento desconfortável e repleto de riscos. Havia risco de quedas e fraturas, havia risco de perebas causadas por picadas de insetos, possibilidade de extravio na rota, enfim, todos os inconvenientes encontrados ao vagar pelo desconhecido a lombo de burro e nos confins do sertão. À arrelia dos diferentes pontos de vista eu antepunha as vantagens de permanecer em contato comigo mesmo, de encontrar e observar a modalidade de vida de uma classe ou subclasse pouco social, mas que desperta curiosidades por viver com os pés sobre a imaginária linha demarcadora da miséria e da fortuna. Seria a vida nos garimpos, o foco de minhas observações, a busca de fatores que pudessem constituir uma história. Meu programa havia sido ajustado com bastante antecedência, e mesmo pouco divulgado, transformara-se em assunto do dia. Acalmei com alguma promessa o inconformismo de minha mulher, alegando que: restar-me-iam quinze dias de férias, ao fim de meu passeio. Como justificativa por sacrificar metade do único tempo de liberdade concedido aos humanos assalariados, que na visão de gente de siso, mais não são que escravos remunerados, exaltei o conhecimento a ser adquirido, discorri sobre as pesquisas que pretendia efetuar sobre o passado da ação bandeirante que espargira indícios, deixara pegadas em toda a região. O fato de sermos todos nós, trabalhadores vinculados a uma mineradora, portanto, de alguma forma, também garimpeiros emprestava lógica à pretensão de minha viagem, além de que mesmo no exercício de minhas funções nunca estive vinculado a horários. Parte do território a ser percorrido compunha área sob minha administração.

Viagens como a pretendida sempre foram meu ponto fraco; podem apresentar surpresas a cada volta de caminho, contato com uma natureza esplendorosa, encontros com pessoas e experiências interessantes, além de que, na inexistência de estradas automotivas, meu meio de condução se adaptava saborosamente a meus desejos, desejos que somente seriam aplacados quando houvesse cumprido à risca, meus desígnios. No

dizer de amigos e vizinhos, --citando refrão de alargado conhecimento--: “mais vale um gosto que um carro de aboboras”, e que cavalgada alguma jamais substituiria uma viagem aérea, o cardápio de um restaurante de classe, sendo mesmo coisa de doido percorrer cerrados monótonos, trilhas cavaleiras, cenários que nenhuma atração exerceriam sobre gente mais refinada. Ademais, indagavam: histórias poderiam ser captadas? Qual valor teriam comentários sobre a saga bandeirante que tanto me atraia?

Minha andança seria um passeio, uma volta enorme a título de conhecimento regional. Desmunido de preocupações era meu intento sair rumo ao Norte, na vastidão do município, encontrar forma de atravessar da margem direita para a margem esquerda o Rio Maranhão e esmiuçar parte daquele pouco explorado, quase nunca visitado, praticamente desconhecido sertão, percorrendo antigos caminhos que foram no correr dos séculos, abandonados. Tais caminhos ainda perduravam em trechos diversos, nunca relembrados como picadas de abertura bandeirante. Eu fizera conjecturas sobre a exploração iniciada por aqueles agentes, principais responsáveis pelo desbravamento nacional, apelidados bandeirantes, e que empunhando seus brasões e bandeiras, por volta dos anos de mil e seiscentos, mil e setecentos, vazaram serras e grotas se deparando com dificuldades, minerando ouro, abrindo vilarejos, pequenas plantações, fazendo a ligação entre os dois principais caminhos que, partindo da costa marítima, serpearam por vários estados e acabaram se unindo como únicas vias de acesso ao interior, ainda hoje, utilizadas. Era minha intenção, reviver, ainda que por poucos dias os padecimentos que os povos do passado, deixados ao abandono, haviam suportado antes da inauguração da nova Capital Federal.

A transferência da capital federal para o Planalto Central fora sonho antigo, sonhado e jamais implantado por qualquer dos “Pedro” que geriram o império brasileiro. Dom Pedro II se fizera entusiasta do projeto. A Capital fincada à beira mar sempre o preocupara, por ser alvo fácil a qualquer galeão que viesse sitiá-la. Havia ainda, no austero julgamento do Imperador, a premente necessidade de se espargir progresso pelo interior do país. As ações imperiais de socorro e desenvolvimento eram contestadas, obstadas pela agressividade de políticos adversários da coroa, que tendiam a beneficiar os ribeirinhos da orla marítima deixando a descoberto e descaso o interior, de onde provinha gado, farinhas, ouro, diamantes, tudo a colaborar com a sustentabilidade não só da Capital, mas de todo o país. Angariar prestígio à beira mar tornara-se exercício fácil; angariá-lo nos sem fins do

sertão, “nem pensar”. . . Dom Pedro I vagueara pelos interiores, raramente transformando em realidade movimentos promissores aos desvalidos, aos caipiras, que nele viam um herói, o único nobre a se identificar com o povo, a se misturar com a escória humana dos portos, e a desafiar a Coroa Portuguesa.

Dom Pedro I, “*O Cavaleiro*” fora totalmente diferente, dessemelhado de seu filho, “*O Cavalheiro*” Pedro II.

A “Coroa” sempre soubera, desde os primeiros anos após o descobrimento, que vias de acesso a rumo do interior haviam sido abertas a golpe de facão, machados e foices, nunca se tendo notícias de participação governamental em tais aberturas, feitas a princípio, em forma de insignificantes trilhas.

Bandeirantes e mais sorte de aventureiros se revezavam ou se encontravam, partilhando as entradas matas adentro, varando cerrados quase infindáveis, buscando ouro, mais sorte de fortunas a serem descobertas, inclusive com a preação de índios, tornando-se os responsáveis pelas rotas que passaram a existir.

A trilha surgida na comunidade de São Vicente, nos primórdios da colonização galgou a Serra do Mar, --feito que consumiu décadas--, cortou todo o território de Piratininga, se estendeu por Minas Gerais, Goiás, atravessou demais porções Norte e teve fim às margens do Oceano Atlântico nas proximidades de Belém, Estado do Pará, motivo porque foi qualificada como “Caminho Real do Sertão”.

O caminho iniciado em São Sebastião do Rio de Janeiro, --tão ou mais antigo que a trilha de São Vicente--, contou também com dificuldades inúmeras para trespassar a Serra de Petrópolis, atingir local onde foi criada Vila Rica, vencer as serranias do Curral Del Rey em Minas Gerais, adentrar Goiás e se juntar, se sobrepor à Trilha de São Vicente setenta léguas antes de adentrar o Estado do Maranhão; foi a bendizer engolida pelo “Caminho Real”.

Ambas as trilhas, a de São Vicente, mais conhecida como Trilha de Piratininga, e a de São Sebastião do Rio de Janeiro, rota 02 ou Trilha de Vila Rica, nada ficaram a dever ao Governo Imperial ou aos Governos Republicanos, --anteriormente ao advento “Brasília”--, motivo porque minha curiosidade, meus interesses históricos acicatavam meus ânimos, impulsionando-me a andar qual alma penada, baseando-me e me deixando guiar por meros boatos, notícias nunca confirmadas de roteiros antigos,

trilhas abandonadas, esquecidas, raramente usadas na modernidade da década de setenta.

Eu vibrava de corpo e alma, ao imaginar os esforços das Entradas e Bandeiras, cujos rastros pipocavam naquelas lonjuras, deixando nomes em povoações tais como "São Bartolomeu", "--forçada homenagem ao bandeirante Bartolomeu Bueno, o Anhanguera", "Bandeira", "Fortes"--, tudo em um forte emaranhado de rastros comprobatórios de ambição e coragem, de determinação e força de vontade.

Os bandeirantes, ainda que se lhes reconheçam os benefícios carreados às atuais gerações, tiveram, à semelhança de todos os que foram considerados pioneiros, --nacionais ou estrangeiros--, temperamentos que os desqualificariam hoje como heróis, como exemplos de dignidade, como cidadãos de bons costumes e personalidade ilibada, embora tenham nos premiado com os dois principais caminhos supra lembrados, com a abertura de povoados e vilas, com catas e garimpos, atualmente transformados em grotas, vistos como voçorocas, como antigos regos d'água já assoreados, daí porque afirmo que os sinais:

"*foram o único legado daqueles que passaram à história como bandeirantes; que viveram em período de riqueza e fama, e desapareceram na pobreza, deixando marcado o início de comunidades que nada lhes herdaram, --senão penúria e devastação--, notícias que deslumbram ainda hoje, quantos as ouviram e deles conhecimento tiveram".*

As duas grandes vias de acesso ao Norte foram melhoradas, transformadas em estradas, viraram rodovias. Uma levou o número "BR.153; a segunda teve numeração diversa a ser observada na conformidade dos estados pelos quais passasse: foi designada BR.040, GO.118, etc...

Havia ainda a me motivar, a total ausência de problemas fundiários na margem esquerda do Rio Maranhão, local a que eu compareceria desmunido de preocupações quanto à minha integridade física, livre de pressões e ameaças. Um dos motivos de minha euforia era a notícia de que nos primórdios das andanças bandeirantes uma picada unira ambas as trilhas, isto é: um entroncamento derivara à direita da "Rota de São Vicente", atravessara pela atual "Minaçu", passara pelas vizinhanças da "Serra Negra", ziguezagueando atravessara o Rio das Bagagens, acima do desemboque do Ribeirão Tocantinzinho, seguindo sempre diretamente para o Leste, paralela ao mítico Paralelo 14, até o atual município de Cavalcante,

até se encontrar com a GO.118, mero prolongamento da Rota 02, Caminho de Vila Rica.

A região que parte da margem direita do Rio Bagagem eu já a havia pesquisado em busca de certidões de antiguíssimas ruinas de uma possível "prisão", uma cadeia que por ali fora construída, vicejara por quase um século e fora abandonada e destruída. Também naquelas chapadas a que por emoções eu apelidara "as grandes solidões de Goiás", eu já havia cavalgado buscando caminhos que possibilitassem a abertura de uma estrada automotiva, que em meus desejos e imaginação, pudesse unir a BR.153 à GO.118, entre trechos isolados à data em que por ali vadiei vadeando córregos, serras e veredas até atingir o município de Planaltina, viagem de pesquisa endossada pela direção de minha empregadora, principalmente no que concernia a descobrir traçado que possibilitasse a construção da estrada. Aqueles meus antigos deslocamentos feitos a lombo de burros, eram como que uma obsessão, lembranças que me maravilhavam emprestando-me energia e motivação para que novamente os encetasse, buscasse tudo o que jamais havia perdido, inclusive a velha e já desconhecida ligação, atualmente submersa sob águas de um grande lago, ali artificialmente formado.

O fascínio embute seus rigores em muita gente, contudo pouquíssimos são aqueles que se atrevem à satisfação dos fascinantes desejos.

Não sou historiador, nem fabulista, nem escritor nos rígidos moldes ou significados atribuídos à gente de letra. Mero narrador, sempre tendi a gravar, a princípio, de memória, situações pelas quais passei, vi, sofri, vivi ou desfrutei, motivo porque enxergo grande diferença entre os vocábulos: escrever, criar, narrar. Escrever mais não é que representar graficamente. Contar estórias e histórias não requer o exercício mental exigido àquele que cria. Criar ou compor nada tem a ver com narrar. Muito diferente, pois, daquele que detém a aptidão para compor estórias, dramas, romance e que são de fato, "escritores". Tal distinção visa preservar as qualidades, o valor de todo o literato que "cria" e não apenas narra, conforme o faço.

O fascínio por acontecimentos de priscas eras me impunha o desejo de saracotear sertão afora, quanto mais, sabendo-se que Governos qual o do Presidente Juscelino Kubstcheck de Oliveira e seus sucessores, mais não fizeram que alargar, remodelar, pavimentar aqueles primitivos

caminhos principais, ainda assim deixando, a princípio, de interligá-los. Também as interligações haviam sido empreendidas à força de facão, a pé de burros "quer fossem quadrúpedes ou bípedes". Partiram estes, em séculos passados, das chapadas circunjacentes ao território de "Formosa dos Couros", da atual Planaltina, tenderam à esquerda em rumo à Lagoa da Jacuba, buscaram atingir o Rio das Almas ou "Alto Tocantins", derivaram mais à esquerda e encontraram ouro às margens do Rio Traíras onde surgiu o povoado de mesmo nome, batizado também como "Tupiraçaba"; volveram posteriormente até o local denominado "São José do Tocantins", sempre em acompanhamento a minas de ouro detectadas por escravos com aptidões de tato e paladar, o que lhes conferia pelo sentido da degustação praticada em bocados, --em terras levadas à boca--, afirmarem a existência ou não da cobiçada "fortuna". Das chapadas de Planaltina, a meio caminho do atual município de "São João da Aliança eu já traçara em mapa, e em deslocamentos a esmo, longamente percorrido, uma possível ligação com o distrito de "Muquém", local em que o romancista e embaixador do Brasil junto ao Paraguai, "Mário Palmério, esteve a exercício da criação do livro "O Ermitão de Muquém". Faltava-me, contudo, dar continuidade à pesquisa na tentativa de encontrar a trilha, --praticamente desconhecida--, de interligação ao município de "Minaçu", trabanda Rio Maranhão, e por consequência, fazer ligação com a BR.153, apelidada Belém/Brasília.

Era meu costume me valer da solidão das grandes cavalgadas, --tal qual o faço hoje em viagens motorizadas--, para meditar, avaliar e ou buscar explicações para os vários nomes, --apelidos--, das regiões por onde trafego. O nome Belém/Brasília dera-me oportunidade de aquilatar o quão inadequado se tornou, pois que em realidade a ligação verdadeira não se dá em linha direta por uma mesma rodovia. Diz a história não escrita, jamais ventilada, que a ligação verdadeira sairia de Brasília, --jamais de Goiânia por onde passa a BR.153--, iria em rumo à cidade de Padre Bernardo, --Br.070--, atingiria o município de Uruaçu e daí rumo ao Norte, fazendo jus ao apelido Belém/Brasília, ou vice e versa. A meu ver a má sorte, e por consequência a má denominação se deu em virtude de inconveniências políticas. Ocorreu que o vice-presidente de república, eleito à época, --Presidente Jango Goulart--, se tornara figura "não grata" aos próceres da República. A coincidência de ele ser proprietário de uma grande fazenda de criação de gado, junto à margem da ligação de acesso, --Brasília/Br.153--, local por mim visitado, causou o desvio do trajeto que veio também por

injunções políticas, a ser feito via Anápolis/Goiânia, ficando ao abandono e inacabada, a Br.070

A data de minha peregrinação sertão afora havia sido programada com muita antecedência. Ajustava-se a meu período de férias. Da sede de a Terra de Meus Sonhos, --cidade onde vivi-, à beira rio Maranhão era trecho por mim percorrido inúmeras vezes, quando eu praticava fiscalização sobre várias propriedades; poderia ser percorrido via veículo motorizado sobre o qual eu transportaria o animal de montaria que me permitisse a grande excursão, o que optei por não fazer. Preferi viajar a lombo de burro por todo o percurso.

Às três horas da manhã o vento uivava, gania qual matilha, qual cães deseperados, canalizado entre o muro e minha casa. A estação do estio se encontrava prolongada, a relva era amarelenta e a sequidão do arvoredo em derredor pressagiava dia de calor escaldante. Atravessei a avenida e em instantes me vi junto ao curral de varões destinado à contenção dos muares utilizados quase diariamente a serviço do Departamento Agrário. O soturno pio do agoureiro "Curiango" como que marcava ou intensificava o sombrio ambiente. Nuvens encobriam a lua, mal me permitindo divisar a mula Morena a lamber o cocho onde eu lhe servira porção reforçada de ração à base de rolão de milho, de mistura a minguada porção de sal grosso. Era aquela, não só uma forma de reforçar as energias do animal, mas representava minúscula indenização aos serviços que durante muitos dias ele deveria me votar. Nos céus o negror noturno só não se fazia maior porquanto estrelas luziam, possibilitando a que em meu pulso, os ponteiros luminosos de meu vagabundo relógio marca "Lanco" de diminutos rubis, me dessem consciência de que precisava me apressar encilhando a mula, ajustando-lhe junto à garupa, amarrado às tiras de couro pendentes dos arreios, embornal contendo gêneros de primeira e apreciável necessidade. Queijo duro, rapadura, um quilo de amendoim, capanga contendo paçoca de carne de porco, laranjas e acompanhamentos assemelhados, que me pudessem suprir a fome caso não encontrasse com a constância rotineira, moradores e moradias a quem pudesse recorrer. Em outro embornal acomodei quilo e meio de sal grosso, ciente de que a medida de setenta a oitenta gramas do mesmo, diariamente, fosse bastante e salutar à recomposição de meu animal de montaria, que por obra do calor regional haveria de perder pelo suor, minerais, cálcio e fósforo. Como prevenção, em caso de falta de alimentação de pastagem acondicionei aproximadamente quinze quilos de rolão isto é: espigas de milho trituradas com palha, sabuco,

de mistura a palha de feijão e farelados de soja, a serem fornecidos diariamente em porções aproximadas de um quilograma, reforço a manter as energias da mula de que me serviria.

Sobejam-me preocupações, quanto ao peso e sobrepeso a ser suportado pela montaria da qual me sirvo. Reduzo o quanto posso os trastes destinados à sobrevivência, ainda que no quesito alimentação eu possa não estar nutrido a contento.

Há, ou deveria haver, da parte de quem escraviza qualquer vivente que lhe sirva de cavalgadura, uma consciência no sentido de se poupar esforços, de se aliviar pesos a serem transportados.

A começar pelas tralhas de montaria eu chegara à conclusão de que deveria abdicar de arreatas conhecidas como selas, que são, de princípio, pesadas, excessivamente adornadas de fivelas, acolchoados unicamente tendentes a uma maciez que não reforça a segurança do cavaleiro, e que exige em demasia esforços para transporte da carga. Eu optara por um arreio estilo mineiro, de armação fina, conquanto resistente, sem forramentos que poupassem meu traseiro, já endurecido e calejado por cavalgadas inúmeras. O passadiço de boca não era de molde a me deixar faminto. Ingerido com alguma discrição alimentar-me-ia por dias seguidos, quanto mais que era minha intenção, conforme o comprovavam duas linhadas de pesca, dar serviço extra aos dentes. Era, pois, meu farnel, de peso reduzido. Também no quesito descanso ou pouso eu me tornara discreto. Transportava quando de algumas viagens levíssima rede de dormir ou a "capa tida por ideal", que em maioria das vezes era meu colchão e cobertura. O uso continuado daquele petrecho estendido sobre o solo me tornou avesso a dormir sobre colchões. Ainda repouso sobre mero tablado.

A avaliação de carga pesada sempre me desolou, motivo porque aceitava fazer uso somente do que pessoalmente me fosse dado transportar sobre os ombros. Há sempre que se preocupar com algum acidente, alguma machucadura, alguma possibilidade de que o animal do qual me sirvo como montaria, se torne inadequado à viagem, daí a observação contumaz que a mim mesmo me imponho, de transportar somente o peso com que pessoalmente eu possa, ou precise arcar.

Medidas de cautela quais as acima referidas, pelo excesso de conforto que a "zona dos comodismos" nos impõe têm trazido muita lamentação a quantos se aventuram por roteiros desconhecidos ou pouco assistidos em termos de apoio ou socorro. Por prevenção me dediquei ao

longo do tempo a manter "condição física" boa, carregando às costas, por mais de vinte anos, uma mochila apinhada de sacolas carregadas com chumbos, somando tudo, trinta e um quilos de peso. A título de pilhérias tracejava comparações, alegando que minha mula pesava próximo de trezentos e cinquenta quilos, podendo transportar com algum conforto mais de cento e cinquenta, isto é: próximo de quarenta e três por cento do próprio peso, enquanto eu, pesando setenta e três quilos, podia transportar trinta e um, ou o mesmo percentual suportado pelo animal, ou animais, isto é: pela mula, e eu. Verdade que eu jamais poderia galopar com a carga, qual ela o fazia. A carga destinada à aventura, mal iria aos noventa e cinco quilogramas, se somada a meu próprio peso.

De minha residência à margem do Rio Maranhão mediava distancia aproximada de dez léguas que pretendi cobrir em um dia. Minha mula estava apta à façanha, conquanto eu não pretendesse forçá-la a tais percursos senão naquela data de partida. Pretendia, a título de tranquilidade, quando me encontrasse "trabanda" Maranhão, percorrer diariamente distância intermédia de seis léguas, o que me propiciaria paradas, descanso, visitação a qualquer rancho encontrado, diálogos, perguntas a obter respostas históricas e assuntos do dia a dia de moradores que pudessem ser encontrados ao longo de dezenas e dezenas de léguas, a serem por mim percorridas até o destino final.

Poderia ter escolhido outro muar, dos deixados sob minha responsabilidade, mormente dois burros habituados a serem transportados sobre camionete. A mula jamais aceitara se aproximar demasiado de veículos. O uso de qualquer dos burros poderia minguar de um dia, meu passeio, caso fosse transportado em veículo até as margens do Rio Maranhão, e ao fim do percurso, se atingisse a cidade de Minaçu, haveria a possibilidade de contratar outro meio de transportasse até a Br.153, por esta à Terra de Meus Sonhos, tornando mais rápida a viagem. Optei, porém, por cavalgar por todo o trajeto, a lombo da Mula Morena. Era esta, dotada de um "sentido extra", uma percepção sensorial ou quarto instinto, que a colocava em estado de alerta ante qualquer presença estranha, ainda que não avistada ou percebida por seus aguçados e normais sentidos, dando-me muita tranquilidade em termos de segurança física.

Em meu deslocamento, passaríamos, a mula e eu, pela Fazenda Caiçaras, propriedade de um amigo e cliente de advocacia, hoje falecido, meu conterrâneo, fundador e proprietário de vinte estabelecimentos comerciais fincados à margem da Belém/Brasília. Não era meu intento dar a

conhecer minha presença pela região daquele imóvel, porquanto se o fizesse, daria atraso à caminhada, obrigado que ficaria a pernoitar em hospedagem à qual, a bem dizer, eu não teria meios de evitar. Nem sempre, porém, consegue-se burlar as agradáveis horas que a presença ou o encontro, ainda que inesperado, de um amigo, nos proporciona.

Minha montaria ia a bom passo, minha satisfação com um viver descontraído praticamente me alheava do mundo. Mal ultrapassei a porteira de entrada da casa a ser evitada, já nas proximidades das divisas das terras de meu amigo, divisei a aglomeração de pessoas. Talvez fosse aquela, a primeira oportunidade de alguma surpresa, e surpresas sempre surgem em férias que não estejam associadas às cidades. Muitas pessoas se posicionavam em torno de um curral construído à beira da estrada. O burburinho e a celeuma me chamaram atenção. O corre-corre se instalara, um misto de meninos, gente adulta, e em destaque meu cliente José Gomes, ao que me pareceu, tão surpreso com minha presença quanto surpresa demonstrei ao o encontrar. Sem mais delongas fui saudado e cobrado pela indelicadeza de não o haver visitado, de não o ter buscado ainda que para uma palavra ligeira. Explicou-me em seguida, estar todo o povaréu aguardando a chegada de alguém que fora em busca de um laço com que se pretendia imobilizar um cavalo redomão, de momento contido no centro do curral. Era, ao que disse, animal perigosíssimo, em batalha contra qualquer que se aventurasse adentrar o ambiente em que ele, cavalo, dominava disparando coices, atacando com patadas, rodopiando a torto e à direita mal alguém se aproximasse da cerca. Fui convidado a apear da mula e a contemplar de mais perto, a cena.

O que observei me deixou muito interessado. Era um garanhão baio, a que chamo “baio gema de ovo”. Animal de magnífica estampa, marcado na cernelha por “cruz de malta” muito destacada, por risco lombar de cor negra. A clina abundante e naturalmente tombada à direita do corpo lhe emprestava destaque magnífico ao forte e gracioso pescoço. As orelhas eram ponto de destaque, elegantemente inseridas sobre uma cabeça mediana de tamanho. Olhos vivazes, grandes, arregalados como se em fúria total compunham um quadro que me despertou interesse especial. Era como se eu conhecesse aquela fera que afugentava a todos que dela mais se aproximassem; ele, o garanhão era incontestavelmente, o rei do terreiro. Peões se apinhavam em torno do cercado sem que qualquer deles se atrevesse adentrá-lo.

Eu havia, alguns anos antes, iniciado pequena criação de equinos. Adquirira diminuto plantel, consistente de dez éguas parideiras e

um garanhão baio, o mesmo baio gema de ovo tão enraçado quanto o que se encontrava à minha frente. Dentre as éguas compradas uma se destacava pela beleza e pela inata rebeldia. Nunca consegui amansá-la. Modifiquei inúmeras vezes procedimentos de doma, usei a técnica da doma racional, perdi o comedimento e a espanquei, sem conseguir submetê-la à minha vontade. Era conhecida por "princesa". Amanheceu certo dia, parida. O potrinho, tão gracioso quanto a mãe, era a estampa do pai. Manifestou desde cedo a inconveniência de comportamento. Na medida em que crescia se tornou de agressividade nunca vista em qualquer outro animal.

Naquele ano a safra de potros foi excelente, comandada pelo menor de todos, pelo potrinho da égua Princesa e pela liderança de um temperamento destituído de temor e repleto de agressividade. Cogitei, de princípio, vender mãe e cria, contudo, tomado de admiração pela independência manifestada por ambos, optei por insistir na doma do potrinho. Foi tarefa a ser desenvolvida diariamente, via aproximação cautelosa, afagos, agrados praticados com tacos de rapadura, tentativa constante de apalpá-lo nas patas, nos pés, no pescoço e garupa. Meus procedimentos geravam muita repulsa, alguns ataques à base de patadas, tentativas de mordidas e coices. Encabrestá-lo constituía uma façanha. Conforme ditado popular*: água mole em pedra dura, tanto bate até que fura*. Com o passar do tempo consegui algum progresso. Não era um progresso diário. Dias havia em que o revoltado "Pingo de Ouro", nome que me pareceu adequado àquela imitação de cavalo se obstinava, refugava de minha presença sem me permitir tocá-lo. Repentinamente, quando eu desistia das tentativas de aproximação, tão logo me afastava o pequeno brigão se aproximava, empurrava-me com a cabeça, mordiscava minhas roupas e se transformava no "ser" mais cândido do mundo. Demonstrava ser ele, o senhor de suas vontades, desencabrestado, livre como que a me desafiar. Adotei o hábito de tratá-lo pela mesma forma. Mal adentrava o curral gritava-o pelo nome impostando a voz e emitindo comando mais como repreensão e vocativo, que como chamamento. Intimamente me sentia agradado, admirado ao observar o pequeno rebelde se aproximar sem demonstrar medo, mais parecendo desafiar-me, mostrando-se poderoso o bastante e marcando espaço próprio. Nunca presenciei tanta determinação em qualquer dos outros potros de meu criatório. Ao completarem ano e meio de idade vendi todas as crias, inclusive o pequeno e rebelde "Pingo de Ouro", que só voltei a rever, preso naquele curral, nas proximidades da Fazenda Caiçaras.

Minha viagem, praticamente em início me proporcionava a primeira de muitas surpresas.

O potrinho rebelde havia se transformado em um garanhão poderoso, tão rebelde quanto rebelde lhe era a mãe, a égua "Princesa".

Sem apresentar explicações pedi permissão para entrar no curral. Fui desaconselhado de fazê-lo. Meu velho amigo e cliente tentou me impedir. Ainda assim, fazendo uso de um cabresto emprestado, pedindo que todos se afastassem e evitassem barulho e gritos, destravei a porteira e entrei no recinto.

Para não destoar da verdade serei obrigado a dizer que senti medo. O grande cavalo baio emurcheceu as orelhas e se preparou par o ataque. O silêncio dos circundantes pareceu agravar ainda mais meus temores. Com a rodilha do cabresto bati em minha perna direita e o som repercutiu no ambiente. Ato seguinte engrossei a voz e bradei por duas vezes, como se em repreensão, aquele nome que mais nada representaria, pois que à minha frente não mais se encontrava um "pingo de cavalo", mas um garanhão em todo seu esplendor, um colosso de pelo brilhante, um atleta musculoso, um guerreiro em ponto de briga.

Ao som de minha voz o animal estacou, bufou, pateou o chão e docilmente veio a meu encontro, empurrou-me com a cabeça e mordiscou a manga de minha camisa. Ato seguinte permitiu que eu lhe erguesse cada uma por sua vez, as patas, depois os pés. Coloquei-lhe em seguida o cabresto e o puxei tranquilamente pelo curral.

Aos gritos os expectadores concitavam-me: "monta, monta".

Não montei; me afastei. Imaginei que tentar montá-lo seria provocação excessiva.

O sucesso de minha empreitada foi de tal monta que me vi rodeado de indagações, pedidos de explicações, além de que palestrei por alguns minutos, recomendando tratassem "Pingo", com moderação. Seria, a meu ver, conforme vaticinado, um cavalo indomável.

Minhas previsões se confirmaram. Três anos após aquela demonstração de imprudência e atrevimento, me encontrava na cidade e município de "Barro Alto", localidade a que comparecera em exercício de vistoria de terras de minha empregadora. Sem afazeres noturnos fui orientado a visitar um rodeio de montaria de bois e equinos, juntamente com episódios de tourada. O recinto se encontrava praticamente vazio; pouquíssimas pessoas haviam se adiantado para o espetáculo. Casualmente me encontrei com um senhor agigantado. Portava imenso chapéu preto, fumava grosso cigarro de palha e fumo de agradável odor. Aquele cabeludo

agigantado cumprimentou-me, à mingua, creio, de mais pessoas com quem conversar. Trocamos detalhes relativos à festança ainda não iniciada e tomei conhecimento de que ele era ou fora membro da chamada "Jovem Guarda", representada à época, por Erasmo, Roberto Carlos e demais cantores. "

O grandão à minha frente, "Sergio", havia migrado para a música sertaneja e estava a iniciar a promissora carreira sertanista.

O movimento de tropa adentrando o pátio do rodeio nos chamou atenção quando um cavalo atropelou um dos peões condutores e por pouco não o machucou gravemente. O animal se manteve separado dos demais, e nele reconheci "Pingo de Ouro", o rebelde "Pingo de Ouro". Pedi permissão ao dirigente do rodeio e tentei entrar no grande pátio. Meu pedido foi recusado e só devido minha insistência, coadjuvado pelo cantor e por uma autoridade ali presente, recebi a permissão pretendida.

Primeiramente o encarregado da tropa estalou comprido chicote seguidas vezes, ordenou os animais que se posicionaram em fila com as caras viradas para o centro do gramado, exceção feita a "Pingo de Ouro" que permaneceu separado. Com as cautelas devidas o gritei pelo nome seguidas vezes. Caminhou elegantemente em minha direção. Após acariciá-lo deixei o recinto. Não me seria agradável assistir ao espetáculo em que alguém tentaria pela força e destreza nos arreios, vencer aquela minha cria. Nunca mais assisti a qualquer espetáculo de montaria em rodeios.

Como anteriormente dito, pretendia passar de largo, sem visitar meu amigo, sem me hospedar na Fazenda Caiçaras, tanto mais, que sobravam muitas horas de sol, concedendo prazo suficiente para espichar canela até a margem do rio, local em que poderia pousar e pescar, antes de buscar vau de passagem que me possibilitasse dia seguinte, encontrar a trilha e me dirigir à "Terra indígena "Avá-Canoeiro". À esta terra pertencente à Fazenda Santo Antônio da Serra Negra, sob minha direção, eu havia percorrido, descrevendo-a em detalhes, avaliado para inseri-la no programa de carvoejamento. À época de meus trabalhos constatei a presença de remanescentes dos "canoeiros", indígenas a quem pessoa alguma houvera contatado, assim como acidentalmente me deparei com diminuto acampamento de sertanistas, longe dos indígenas, já às margens do Tocantins. Sem que eu o percebesse fui fotografado e tive meu nome e fotografia registrados em jornal de grande circulação no estado, acompanhada da falsa informação de que eu perambulara por ela, armado e matando índios. Referida publicação movimentara ânimos por Brasília e São Paulo, obrigando ao engenheiro A.E.M. apresentar explicações junto ao Ministério do Interior e Justiça, obrigando-me a providências sacrificantes,

mas que me permitiram comprovar a tramoia criada para despertar noticiários. Minha situação se tornara complicada, obrigando-me voltar ao local em busca de uma retratação daqueles agentes públicos. Ao acionar o gravador em que camuflado recolhi o diálogo mantido, atacaram-me, na tentativa de se apoderarem da fita gravada, motivo porque atropelei com meu burro o chefe da equipe. Intencionalmente o emaranhei sob as patas do animal que zurzido por mim a bico de espora, o pisoteou, o lançou ao solo. Aquela atuação desastrada de meu momentâneo oponente me obrigou a seguir, a mantê-lo sob mira de arma de fogo, até que conseguisse me afastar portando a prova da mentira publicada.

A comprovação de que a barbárie imperara nos meios escravagistas montados pela garimpagem eu a constatei às margens do Grande Rio, bem em seu nascedouro, praticamente na junção, na barra do Rio das Bagagens com o Rio Maranhão, quase na barra do Ribeirão Tocantinzinho, isto é: no Alto Tocantins, à época, local de dificílimo acesso.

O exercício e prazer das cavalgadas, mormente se feitas em caráter solitário me predispõem a relembrar aventuras praticadas, na medida em que os cenários em que me encontre detenham semelhanças com aqueles nos quais eu tenha me aventurado.

O Rio Maranhão não seria exceção, tanto que antes mesmo de chegar às suas margens, me vi em um misto de enleio, saudade, preocupação e medo.

O enleio, o atrativo por tudo o que se viveu, pelo qual se passou, compõe a saudade, a vontade de uma repetição dos momentos passados e que permaneceram gravados no consciente e no inconsciente, aflorando a cada vez que uma semelhança de clima, de arredores, de pessoas e situações é encontrada.

A proximidade do Rio Maranhão já me emaranhara antes mesmo que nele eu entrasse, antes que às margens dele eu me sentasse a recordar cada ação ali praticada. Talvez a preocupação dos atos quando do entrevero com agentes públicos fosse a causa de nova análise, na tentativa de avaliar se eu cometera algum excesso ao reagir aos agressivos movimentos do sertanista. A preocupação quanto à minha intemperança e impetuosidade de fazer a bico de espora, um animal saltar sobre meu